

CEEE/Som do Sul

Henrique Mann



fascículo nº 2



CEEE/Som do Sul
Henrique Mann
fascículo nº 2



Este projeto foi realizado através da Lei de Incentivo à Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, com o patrocínio da Companhia Estadual de Energia Elétrica.



Projeto, Produção, Direção e Edição: Henrique Mann
(todos os direitos reservados).

Músico, produtor e escritor. Natural de Porto Alegre, profissionalizou-se em 1983, desenvolvendo, desde então, intenso trabalho de pesquisa de história da música. Discografia: LP "Quintanares & Cantares", em parceria com o poeta Mario Quintana (1986, relançado em CD, em 1998), CD "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol. I" (1997), "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol II" (1998), CD "Norte In Sul" (2000). Livros publicados: "A Música Popular Brasileira em Debate" (Ed. Alcance - 1991) e "Retratos da Vida Boêmia" (Ed. Ampla - 1995). Eleito, em 1999, Presidente da Associação Gaúcha do Disco Independente (Agadisc).

Coordenação Editorial: Mônica Kanitz

Apoio à Pesquisa: Eglê Manssur Anflor e Leandra Vargas

Produção de Pesquisa de Campo: Rosane Furtado Fernandes

Transcrição de Partituras: Michel Dorfman

Revisão: Dione Detanico Buseti

Direção de Arte: Vitor Hugo Turuga

Projeto Gráfico: Fósforo Design Gráfico

Assistência de Arte e Diagramação: Clotilde Shardelotto

Direção de Fotografia das Capas: Vitor Hugo Turuga

Fotografias das Capas: Nilton Santolin

Retoque Fotográfico, Recuperação de Originais

e Ilustrações Digitais: Vitor Hugo Turuga

Contracapas: Paulo Ricardo Winterle/CEEE, com Charges de Santiago



Coordenação Gráfica: Rossír Berní - Editora Alcance Ltda.

R. Sto. Antonio, 254/1º andar - 90220-010 - P. Alegre/RS - fone: (51) 3311 1075

www.editoraalcance.com.br / e-mail: alcance@editoraalcance.com.br

Impresso na Gráfica Palotti, em maio de 2002.

Colaboração com Textos: Gilmar Eitelwein, Renato Mendonça, Mônica Kanitz, Juarez Fonseca, Roger Lerina, Kenny Braga, Cláudio Brito, Isabel L'Aryan, Pedro Metz, Mutuca, Ricardo Lima e Margarete Moraes.

Especiais Agradecimentos: Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (Erací Rocha, Cláudio Knerin, Praxedes e Menini), Museu Hipólito José da Costa (Carlos R.C. Leite e Neusa Valejo), Fundação Vitor Mateus Teixeira (Betha e Teixeira Filho), Paixão Côrtes, Barbosa Lessa, Dedé Ribeiro, Juarez Fonseca, Kenny Braga, Antônio Augusto Fagundes, Sílvia e Lucienne Ruschel, Rogério Piva e família, Airton Ortiz, Pery Souza, Sindicato dos Compositores (Sicom), família Bertussi, Hardy Vedana, Renato Mendonça, Roger Lerina, Marcelo Menna Barreto, Tânia Aquino, Eneida Serrano, Maria da Graça Rodrigues, Flávio Chaminé, Heloy e Tiarajú Fróes, Nelson Coelho de Castro, Luis Gomes, Flávio Mendes, Marcos Souza, Luis Müller, Suzi Rillo, Marcos Borghetti, Patrício Maicá, Lupicínio Rodrigues Filho, Tânia Matte, Teresinha Silveira, Fábio Pedersen Rosa, Guga Munhoz, Sérgio Nunes, Coordenação de Música da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, compositores, músicos, seus familiares e amigos.



Os Bertussi

Detalhe de capa de disco: O Conjunto em serenata ao casal Fioravante e Jovelina Bertussi.

Os "Irmãos Bertussi" marcaram época na música brasileira a partir de 1955, porém a saga desta família italiana atravessa todo o século XX na música do Rio Grande do Sul, iniciando-se com a chegada de João Bertussi Filho (pai de Fioravante) na leva de imigrantes do fim do século XIX. Estabelecidos na região serrana, "Os Bertussi" difundiram instrumentos musicais (especialmente a gaita) através de seu entreposto comercial. Criaram uma escola musical baseada na técnica apurada e na leitura musical. Isto os diferenciou na música regional. Fioravante era um clarinetista estudioso e tornou-se regente de uma das primeiras bandas serranas. Os filhos estudaram teoria musical e colheram o que de melhor havia em folclore e gêneros regionais diretamente das fontes. Aliás, não só viviam essa realidade cotidiana, como logo eles próprios tornaram-se fontes.

Talvez a cultura gaúcha nem possa dimensionar ainda a influência e a real importância dos "Bertussi", mas eles representam diretamente a ascendência italiana na sociedade gaúcha do século XX e todos os seus significados. Muito encontraremos, nos próximos fascículos, debates sobre a música do Rio Grande do Sul e suas relações com as outras regiões do Brasil. Veremos que um dos temas mais recorrentes é sobre a índole musical gaúcha, que se diz predominantemente de temas tristes, sombrios e carregados. Em contraponto a este debate, "Os Bertussi" infundem uma escola musical de baile, com música apropriada para a dança e a alegria característica do povo italiano. Somado a isto, ainda há que se frisar o aspecto importante do espírito inovador destes músicos. A primeira grande revolução que causaram foi a de utilizar dois acordeons ao invés da costureira dupla violão/acordeom. Isto só foi possível, porque Adelar e Honeyde eram exímios instrumentistas e escreviam as partituras rearranjando os temas de modo que os instrumentos se completassem. Era como um só acordeom tocado a quatro mãos. Anos depois, já no início dos 50, incorporaram a bateria ao baile gaúcho. Bateria era, então, um instrumento utilizado pelos jazzistas e havia entrado no RS a partir de 1924, como gênero praticado pelos negros americanos. "Os Bertussi" sabiam o que queriam. Na época não existiam equipamentos de som (microfone, amplificador e caixas de som são coisas dos anos 60). Precisavam de volume, de potência sonora para os bailes cada vez maiores.

Assim é que "Os Bertussi" estiveram na linha de frente da música ao gravar temas eruditos em acordeom para o mercado nacional e ao revolucionar a execução musical dentro do nosso estado. Esta saga vitoriosa cruza todo o século XX e adentra o século XXI. O conjunto "Os Bertussi", liderado agora por Gilnei, filho de Adelar, continua a gravar discos e a animar bailes com o estilo inconfundível. Não é à toa que eles se referem constantemente à "Música Bertussi". Com toda a razão, eles criaram escola.

Henrique Mann - Editor



Cronologia: Os Bertussi

1923 - Nasce Honeyde Bertussi, na localidade de Criúva, na época município de São Francisco de Paula. Filho de Juvelina Siqueira e Fioravante Bertussi (que foi músico e depois maestro de uma banda com 22 integrantes que animava as festas da região serrana).

1933 - Nasce Adelar, caçula dos quatro filhos de Fioravante (antes vieram Walmor, em 1925, e Wilson, em 1927), que viria a formar, com Honeyde, a famosa dupla.

1937 - Fioravante constrói uma pequena usina hidrelétrica num riacho de sua fazenda na Criúva e, à noite, seus filhos podiam ouvir o rádio, com preferência manifesta pelos "caipiras de São Paulo".

1942 - Honeyde, já bem adestrado ao violão, adquire sua primeira gaita, uma Todeschini de oitenta baixos. Em 8 de maio, uma cheia do Rio Mulada impede que a orquestra chegue para um baile de casamento. Honeyde é chamado, Walmor (irmão mais jovem) faz um chocalho com uma lata, e a festa é um sucesso.

Honeyde era carpinteiro e ganhava 3 mil réis. No fim do baile, recebeu 20 mil réis e foi contratado para outro por 30 mil réis. Mais tarde diria "*daquele dia em diante, nunca mais parei. Me aposentei como músico em 1977*".

1943 - Fioravante, empolgado com a musicalidade dos quatro filhos, a esta altura todos bons instrumentistas, forma uma minibanda que em abril, toca na Festa de São Jorge, na localidade de Mulada. O sucesso foi total, e os Bertussi passam a tocar em todas as festas da região.

1946 - Walmor e Wilson passam a trabalhar com caminhão de fretes, abandonando a banda. Honeyde passa a apresentar-se na Rádio Caxias do Sul todas as quintas-feiras. Também compõe o bugio *O Casamento da Doralice*, costurando partes de cinco bugios que havia recolhido por anos.

1948 - Honeyde tem seu primeiro programa próprio, na Rádio Caxias do Sul; era o "Cancioneiro das Coxilhas" que permaneceria no ar por 42 anos. Honeyde adocece e fica apenas na rádio.

Adelar assume os compromissos do irmão, tocando em festas e bailes já agendados, ao lado do violonista e gaiteiro Zequinha Silva.

1949 - Batizada a dupla "Irmãos Bertussi", pelo radialista Álvaro Aquino na Rádio Erechim.

1952 - Tentam gravar disco em São Paulo, mas não conseguem, voltando para o RS.

1954 - Nova tentativa, também sem sucesso.

1955 - Aconselhados pelo amigo Raul Torres, na época um dos grandes nomes da música caipira de São Paulo, viajam para o Rio de Janeiro. Lá conhecem Mário Mascarenhas que, vendo a qualidade de seu trabalho, encaminha-os para David Nasser, da revista O Cruzeiro, abrindo-lhes as portas para Emílio Vitale, da Gravadora Copacabana.

Em agosto, gravam o seu primeiro LP *Coração Gaúcho*, lançado em todo o Brasil.

Adelar assume programa na Rádio Mairynk Veiga (RJ). Honeyde emprega-se na Academia Mário Mascarenhas.

CORAÇÃO GAÚCHO



Capa do primeiro disco.

1956 - Lançam o segundo disco *Os Cancioneiros das Coxilhas*.

1957 - Os discos, até então de oito polegadas, passam a ser fabricados em doze polegadas. A Copacabana relança um LP sob o novo formato, contendo *Coração Gaúcho*, no lado A, e *Cancioneiros das Coxilhas* no lado B. Lançam novo disco: *Só para Você* (LP-Copacabana). Adelar assume programas na Rádio e TV Tupi (RJ).



1958 - O disco *Nos Pagos do Sul*, com quatorze canções gauchescas, consagra nacionalmente os "Irmãos Bertussi". A Rádio Gaúcha mantém a dupla no ar ao vivo por dois meses, quase que diariamente.



1970 - Adelar Bertussi assume programa na Rádio Difusora de Porto Alegre.

1972 - Reúnem-se novamente os "Irmãos Bertussi" para o disco *Sangue Gaúcho*, pela RCA.

1974 - Adelar é eleito vereador em Caxias do Sul. O patriarca Fioravante Bertussi resolve deixar também o seu registro. Produzido por Leonardo (Jader Moreci), sai *Relíquias do Passado*, pela Continental/Chantecler. De um lado Fioravante e, de outro, os irmãos Tio Góes e Tio Pedrinho, de Lagoa Vermelha. Este disco é uma peça de grande valor histórico.

1960 - Excursionam com sucesso pelo norte do país. São contratados pela RCA/Victor pela qual lançam o LP *Passeando nos Pagos*.

1961 - Lançam LP *Que Linda é a Vida*, com solos de acordeom.

1962 - Lançam o LP *Oh de Casa* (cuja canção título torna-se o maior sucesso da dupla).

1963 - Lançam o disco *Irmãos Bertussi*, com tangos, músicas populares e solos de acordeom.

1964 - Daltro Bertussi, filho de Honeyde, também exímio acordeonista, entra para o grupo.

1966 - Adelar adoece e Honeyde prossegue, trabalhando com o filho Daltro. A esta altura, já usam o nome "Os Bertussi".

1967 - Honeyde e Adelar passam a trabalhar individualmente, cada um com seu próprio grupo de músicos. Adelar assume programa na Rádio Esmeralda de Vacaria (RS). Até o ano 2001, Adelar (a partir de 87, com o filho Gilnei) lançaria 22 discos individuais, e Honeyde, oito.

O patriarca Fioravante Bertussi.



Foto: arquivo família Bertussi.



1976 a 1980 - Adelar mantém programa na Rádio Caxias. É eleito presidente da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul.

Honeyde aposenta-se, passando a dedicar-se a palestras e apresentações didáticas. Colabora intensamente em vários eventos culturais e festivais. É um dos principais ícones da história da música do Rio Grande e não deixa de gravar novos discos, tanto solo, quanto com o irmão Adelar.

1982 - Adelar assume programa na Rádio Princesa de Caxias do Sul.

1984 - Honeyde lança, pela Copacabana, o LP *Grito do Tempo*, seu oitavo disco solo.

1985 - Adelar grava pela Continental o LP *Adelar Bertussi e sua Música Clássica*.

Até então os irmãos continuavam a lançar discos individuais por várias gravadoras, ora sob seus próprios nomes, ora sob a denominação "Os Bertussi", mas lançam juntos *Ir. Bertussi - 40 anos de sucesso*, pela RCA/ACIT.



1987 - Adelar assume programa na Rádio Clube Paranaense e grava o LP *Os Bertussi*, com o filho Gilnei (acordeonista), pela ACIT. Logo Gilnei assumiria o conjunto de baile "Os Bertussi", gravando vários discos e prosseguindo a trajetória secular da família.

1989 até 2000 - Adelar e Gilnei lançariam mais sete discos.



Foto arquivo família Bertussi

Gilnei Bertussi

1990 - Honeyde grava precioso depoimento em vídeo para Airton Pimentel, relatando vários eventos importantes da história da música do Rio Grande do Sul.

1996 - Falece Honeyde. Até então, a dupla deixa, entre lançamentos e relançamentos, seis compactos, perto de quarenta LPs e mais de dez-CDs.

1998 - Adelar recebe o título de Cidadão Honorário do Estado do Paraná e aposenta-se dos bailes e fandangos. Com o maestro Waldir Teixeira, lança seu método de ensino de acordeom, passando a lecionar em Caxias, Vacaria, Lajes e Curitiba. Gilnei prossegue com o conjunto de baile e com os discos, que grava quase que anualmente, herdando a tradição Bertussi.

2001 - Sai o disco *Os Bertussi* com Adelar, Gilnei e conjunto, pela ACIT.

Depoimentos

"'Os Bertussi' promoveram uma grande mudança na música do RS. Nós estudávamos música em partitura. O que havia antes era uma música rica em ritmos, mas pobre de harmonia, só de gaita ponto. Nós pegamos instrumentos modernos, gaitas com 120 baixos, utilizamos bateria e transformamos a música de baile. Aliás, a Música Bertussi não é de show, mas de baile por excelência. É por isso que não sou contra quem tenta transformar a música do RS, porque o que nós fizemos foi exatamente isto há mais de cinquenta anos atrás." (Adelar Bertussi para Henrique Mann - junho / 2001).



"A gaita já havia chegado ao RS no séc. XIX, com imigrantes alemães e italianos. No início do séc. XX, meu avô se estabeleceu na Criúva, região serrana, e começou a importar gaitas da Itália. Meu pai aprendeu a tocar para demonstrar e vender. Os tropeiros começaram a espalhar a gaita, mas a região Campos de Cima da Serra tornou-se a capital da gaita."

(Honeyde para Airton Pimentel - 1990).

"Quando eu era guri havia a habanera, que era muito lenta para baile e o taguinho, que era uma habanera mais ritmada. Os gaiteiros começaram a fazer uma coisa mais alegre e daí que 'Os Bertussi' nunca gravaram vanerão, mas samba campeiro. A execução do bugio também só foi possível quando a gaita ofereceu mais recursos. Quem tem um pouco de conhecimento de divisão musical sabe que o bugio nasceu do



contrapasso. Eu também nunca disse que o bugio nasceu em São Francisco de Paula. No Juá houve um quilombo. A família Leitão, ali de perto, possuía uma boa gaita de 48 baixos. Muito ouvi falar de um negro chamado Vergílio que diziam que era um baita gaiteiro e tocava muitos bugios. Também meu avô me disse que, no início do século, amanheceu num baile dançando contrapasso e bugio, e isso foi nas primeiras décadas do século."

(Honeyde para Airton Pimentel - 1990).



Honeyde à direita, com o compositor Leonardo.



" Pedro Raymundo foi o precursor da música regional gaúcha, da maneira alegre de tocar. Antes de Luiz Menezes, com Osvaldinho e Zé Bernardo na Farrroupilha no programa 'Roda de Chimarrão', e antes de mim, lá nos bailes da Mulada, ele já estava aqui desde 1932, tocando aquelas músicas maravilhosas e muitos tangos, choros e valsas também. Para mim foi o maior artista de todos os tempos. Morreu pobre, mas eu estive mais de uma vez na casa que ele sustentava para meninos carentes no Rio de Janeiro. Foi um homem bom e cumpriu a missão que Deus deu para ele."

(Honeyde para Airton Pimentel - 1990).



Capa de LP de Adelar e Itajaíba Mattana.

"O movimento tradicionalista do RS é o maior movimento cívico, cultural e filosófico da face da terra. Ele se formou na tradição do homem a cavalo. Os rodeios crioulos e as manifestações culturais do povo gaúcho são a base de tudo; sem isso não existiria a nossa música.

No séc. XIX houve uma tentativa de movimento tradicionalista liderada por Cezimbra Jaques. Não vingou, porque não havia música; quem tocava eram as orquestras dos salões da sociedade e assim não podia dar certo mesmo. Em 1940/50, já havia uma música regionalista.

A partir de Pedro Raymundo, Lauro Rodrigues, nós, 'Os Bertussi', o Edu de Santa Catarina e depois 'Os Tapes' e 'Os Araganos', formou-se uma base muito forte que se desenvolveu até chegar à Califórnia da Canção e outros festivais.

Eu gostaria de deixar uma idéia para os festivais de música do RS. Joana de Angelis, ainda no séc. XIX, disse que 'competir é bom, desde que o objetivo seja progredir e não apenas vencer'. Gostaria que meus colegas se conscientizassem disso."

(Honeyde para Airton Pimentel - 1990).



Capa de LP de Gilnei e "Os Bertussi".

" Sou um músico de baile, conforme a tradição Bertussi. Nasci praticamente no meio do baile. Hoje prossigo fazendo a Música Bertussi que, a contar de Fioravante, atravessou todo o século XX."

(Gilnei Bertussi para Henrique Mann - junho 2001).



Oh... de Casa

Toada Gaúcha

Letra: Honeyde Bertussi
Música: Honeyde e Adelar Bertussi

The musical score is written for piano in 2/4 time, with a key signature of one sharp (F#). It consists of five systems of music, each with a treble and bass staff. The first system begins with a treble staff melody and a bass staff accompaniment. The second system features a first ending (marked '1.') and a second ending (marked '2.'). The score includes various musical notations such as slurs, ties, and fingering numbers (7). The piece concludes with a double bar line and a repeat sign.

Partitura: acervo família Bertussi.



Bela Camponesa

Valsa

Fioravante Bertussi

The musical score is written for piano in 3/4 time. It consists of five systems of two staves each (treble and bass clef). The key signature has one sharp (F#). The score includes various musical notations such as slurs, ties, and dynamic markings. Fingering numbers (7, m, M) are indicated for specific notes. The piece concludes with a first ending (1.) and a second ending (2.) leading to a final cadence marked 'Fim'.

Partitura: acervo família Bertussi.



Paulo Ruschel O Talento Múltiplo

Para a maioria das pessoas, o nome de Paulo Ruschel está associado à música *Homens de Preto*. Com alguma razão, pois esta é uma das composições escolhidas por enquete popular (RBS/2000) entre as dez mais representativas do Rio Grande do Sul no século XX. No entanto, para nós que realizamos a pesquisa sobre o autor, a biografia de Paulo Ruschel revelou uma sucessão impressionante de realizações artísticas e pessoais. Atleta, aviador, cantor, compositor, escultor, produtor de rádio e TV, ator, tudo isto levado ao extremo das possibilidades. Com o irmão Alberto, Luiz Telles e o mineiro Chicão, fundou, em 1946, o conjunto "Quitandinha Serenaders", no Rio de Janeiro, cuja repercussão influenciaria diretamente a geração de Paixão Côrtes, Barbosa Lessa e Glaucus Saraiva. Estouraram nacionalmente no rádio e no cinema. Foram campeões de cartas de fãs da Revista das Moças (RJ), e os principais jornais do Rio e São Paulo dedicavam-lhes páginas inteiras com títulos como "O mais elegante conjunto vocal do País". Os irmãos Ruschel deixaram o conjunto por volta de 1950. Alberto tornou-se célebre no cinema e Paulo seguiu uma eclética carreira que englobou vários ramos artísticos. Com isso, abriram espaço no "Quitandinha" para Luiz Boufá e João Gilberto, razão pela qual o baiano passaria comentada temporada em Porto Alegre, em 1954.

Paulo Ruschel continuou atuando no cinema, no teatro, nas artes plásticas, no rádio e criou quadros para TV. Teve suas obras musicais gravadas por grandes intérpretes e marcou profundamente a música do Rio Grande com canções como *Roda Carreta*, *Iemanjá* e a já citada *Homens de Preto (Chaqueadas)*. Em 1971, criou a escultura "Calhandra de Ouro", prêmio máximo da Califórnia da Canção Nativa de Uruguaiana. Causa espanto o número de ganhadores deste troféu que não sabe disto. Pouca gente, também, sabe que o busto de Tiradentes, localizado em frente ao Palácio da Polícia em Porto Alegre, é uma obra de Paulo.

A impressionante biografia de Paulo Ruschel poderá ser consultada neste fascículo, ainda que de forma resumida. Isto, nem de longe, repõe a dívida que este estado tem com o artista. É preciso que sua vida e obra sejam definitivamente restituídas ao nosso povo; é preciso haver avenidas, praças, escolas ou museus de arte com seu nome, onde sua obra possa ser exposta e nunca mais perdida. Uma dia, o poeta Luiz Coronel disse-me que Paulo Ruschel foi o antecessor da bossa-nova, do tropicalismo e do próprio nativismo. Antes da pesquisa, achei um pouco exagerada a afirmação. Hoje sei que Coronel estava certo. Difícil aceitar que saibamos tão pouco a respeito de nossa própria história.

Henrique Mann - Editor

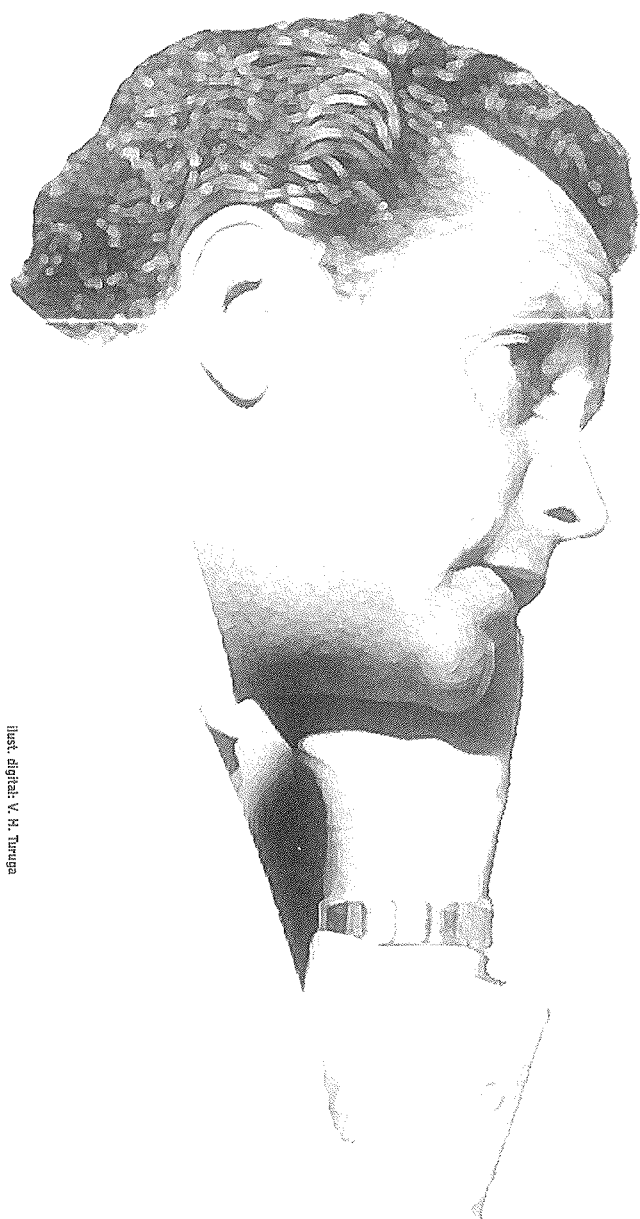


Ilustração: V. H. Taveira



Cronologia Biográfica: Paulo Ruschel



Formação original do "Quitandinha Serenaders", a partir da esquerda: Luiz Telles, Paulo Ruschel, Chico Pacheco e Alberto Ruschel.

1919 - Nascido em 11 de maio, na cidade gaúcha de Passo Fundo, o filho de Rita e Alberto Ruschel, teria irmãos também expoentes culturais. O mais velho, Nilo, foi um dos precursores do rádio no RS, além de escritor, cantor e ensaísta renomado. O irmão mais novo, Alberto, tornar-se-ia cantor e ator com larga biografia na história do cinema nacional. Paulo viveria a infância na cidade de Estrela.

1933 - A família muda-se para Porto Alegre, onde Paulo, além de seguir os estudos, torna-se destacado nadador pelo Clube União, chegando a bicampeão estadual e vice-campeão brasileiro da modalidade.

1938 - Ingressa por concurso público no cargo de escrivão no Departamento Administrativo da Secretaria de Segurança Pública do Estado.

1940 - Forma-se aviador na primeira turma do Clube de Aviação do RS.

1942 - Junto do irmão Alberto e de Luiz Telles, entre outros estudantes, passa a integrar o "Conjunto Universitário", especializado em vocalizações com ênfase em temas regionais. Apresentam-se raras vezes, mas quando o fazem é com boa repercussão em Porto Alegre.



1943 - Segue com Alberto e Luiz Telles para o Rio de Janeiro com a Caravana Universitária do RS, para disputar a VI Olimpíada Universitária de Jogos e Esportes. Lá o trio encontra o mineiro Francisco Pacheco (Chico). Tinham em comum o gosto pela música. Debateram longamente os caminhos da cultura brasileira e o seu potencial folclórico riquíssimo, decidindo, a partir do inusitado encontro de idéias, criar um conjunto vocal. Alugaram uma casa na rua Barata Ribeiro e abandonaram as respectivas universidades.

Enquanto pensavam em um nome para o grupo (cogitavam "Quatro Vozes e uma Guitarra" ou "Serenaders"), tentavam contrato em alguma boate ou cassino.

Por intermédio de um amigo empresário, conseguem colocação no Termas Hotel Quitandinha, na região serrana do Rio, daí o nome definitivo "Quitandinha Serenaders".

1946 - As apresentações do grupo no hotel chamam a atenção de empresários do Rio de Janeiro, e logo vem o convite para um espetáculo na cobiçada boate Casablanca, localizada na Praia Vermelha, ocasião em que Lupicínio Rodrigues ali cumpria temporada. O sucesso do grupo é imediato. Antes do final do ano, já aparecem em fartas páginas dos principais jornais do Rio com ferrosos elogios da crítica.

O Diário da Noite (RJ) destaca-os em show no Copacabana Palace como "o mais elegante conjunto vocal do país" (21/08/1946); ponteiavam o cartaz promocional acima de Dick Farney e outros artistas importantes da época. O êxito leva-os às telas do cinema e à fama nacional.

Atuam junto a Oscarito, Emilinha Borba, Ciro Monteiro, "Alvarenga & Ranchinho" no filme "Este Mundo é um Pandeiro" (Atlântida), cujo roteiro foi adaptado especialmente para que os integrantes do "Quitandinha", além dos números musicais, pudessem participar como atores. Daí para frente, foi uma vertiginosa sucessão de contratos de shows e programas de rádio que os levou a dominar a cena musical do Rio de Janeiro.

Digno de nota também é que a aparição do "Quitandinha Serenaders" no cinema, interpretando *Felicidade* de Lupicínio, seria, segundo Paixão Côrtes e Barbosa Lessa, um grande estímulo para o despertar do movimento que culminou no 35 CTG, não que a toada tivesse algo a ver com isso, mas o fato de gaúchos fazerem sucesso no cinema interpretando uma canção de autor local.

1947 - Cumprem temporada em São Paulo para a inauguração da boate Colonial, tida pela imprensa como "a mais elegante da América". Os irmãos Ruschel já se relacionavam muito bem com o meio artístico. Seus amigos mais chegados eram Tônia Carrero, Inezita Barroso, Anselmo Duarte e Lima Barreto. Por terem bela estampa e com o sucesso na música e no cinema, os ra-

pazes eram ídolos do público feminino e campeões de cartas no Jornal das Moças (RJ).

1948 - Após intensa série de shows em boates do Rio e São Paulo, contratos com grandes rádios como a Tupi (RJ), e assédio do público de cinema, Paulo cansa-se da agitação. No fundo, tinha a alma ligada à interiorana terra gaúcha. Deixa o "Quitandinha" (sendo substituído por Luiz Bonfá) e retorna à querência.

Passa longa temporada em uma fazenda de Cruz Alta, onde compõe várias canções carregadas de vida e lides campeiras que futuramente fariam história no cancionista gaúcho.

1950 - Retorna a São Paulo onde trabalha seis meses como assistente de direção na TV Paulista. Ali criaria, entre outras coisas, o quadro "Quebre o Disco", posteriormente copiado por Flávio Cavalcanti.

Transfere-se para a Rádio Record com o contrato mais caro até então firmado por uma rádio de São Paulo. Produz um célebre programa sobre cinema chamado "A Grande Filmagem", do qual participam Anselmo Duarte e Ilka Soares. O negócio torna-se sucesso nacional, e atores internacionais como Glen Ford e Cesar Romero comparecem.

Ao tempo em que Paulo destaca-se nos meios de comunicação de SP, seu irmão Alberto (ex-"Quitandinha") protagoniza o premiado filme "O Cangaceiro", de Lima Barreto. A fita obtém repercussão mundial e torna-se marco histórico do cinema brasileiro.

Empolgado, o polêmico diretor lança-se então em



Caracterizado para o filme "O Sertanejo".



outra empreitada ambiciosa: produzir o filme mais caro do cinema nacional, "O Sertanejo". Paulo é selecionado para o papel principal, vencendo o próprio irmão em disputa amplamente destacada pela imprensa. Um grande elenco, que incluía até Adoniran Barbosa e Assis Valente, além de técnicos norte-americanos, é contratado.

Depois de muita badalação, com o filme parcialmente financiado e filmagens em andamento, a Cia.Vera Cruz entra em sérias dificuldades financeiras, e o filme não se realiza. Este fato provocaria grandes mudanças na vida de Paulo. Uma das mais notáveis foi a descoberta de seu talento para a escultura. É que, para o papel, era necessário que deixasse os cabelos crescerem quase até os ombros. Naquele tempo, não se podia sair à rua com tão abundante melena. Trancado no apartamento que dividia com Anselmo Duarte, deu de mão em um estoque de argila e terracota que o escultor Vacarin havia deixado ali guardado. Logo estava esculpindo bustos de Tônia

Carrero, Ilka Soares e dos amigos que lhe viessem à memória.

Talento múltiplo, Paulo acabaria fazendo poucas exposições de seus trabalhos, mas alguns ficariam para a história, como a estatueta da "Calhandra de Ouro" (prêmio máximo da Califórnia da Canção de Uruguiana) e o busto em bronze de Tiradentes, exposto em frente ao Palácio da Polícia em Porto Alegre.

Quando faleceu, em 1974, deixou inacabado um extenso trabalho de fundição e solda desenvolvido com Xico Stockinger.

1951 / 1955 - Entre rumores nunca publicamente assumidos de que tinha um caso com Tônia Carrero, o inquieto artista prossegue atuando em rádio, TV, teatro e artes plásticas, mas é na música que sua produção fica mais evidente. Tem canções gravadas por Inezita Barroso, Vanja Orico, Eni Camargo e "Conjunto Farroupilha".



"Quitandinha Serenaders" com Inezita Barroso, em 1955.



1956 - Cansa-se novamente dos grandes centros e retorna ao Rio Grande. Atua na peça teatral "O Diabo Cospe Vermelho", junto a Glênio Peres, Betty Hartmann e Carmen Machado.

Sob direção de Paulo Roberto Machado, é escalado em um dos papéis principais do filme "À Sombra do Umbu", ao lado de Paixão Côrtes, Fada Santoro e Antônio Augusto Fagundes, mas a produção malogra, e o filme acaba não saindo.

1957 - Tem várias canções incluídas no repertório da turnê realizada pelo recém fundado Coral da UFRGS. Daí por diante, suas canções passariam a fazer parte permanentemente do Festival de Coros do RS.

1958 - Medalha de bronze no 1º Salão Panamericano de Artes Plásticas do Instituto de Belas Artes do RS por obras em terracota.

1959 - Convidado por Augusto Boal para atuar na peça "A Farsa da Esposa Perfeita" no Teatro de Arena, em SP. Neste mesmo ano, o conjunto "Os Gaudérios" imortaliza *Os Homens de Preto*, canção mais conhecida e gravada de Paulo Ruschel.

1960 - Casa-se com a artista plástica e professora da UFRGS, Lucienne Sibour Cesar, com quem teria os filhos Paulo, Ângela e Luciano. No Festival Homenagem da Cinzano à Canção Brasileira, realizado em Porto Alegre, vence com a canção *Iemanjá* e ainda fica em quarto lugar com *Minha Terra*.

1961 - Trabalha como cenarista do filme "Luta nos Pampas", estrelado pelo irmão Alberto. Esta fita marcaria época no chamado "ciclo da bombacha" do cinema nacional, por onde viriam, posteriormente, desde "Um certo Capitão Rodrigo" (sobre romance de Érico Veríssimo, com trilha de Paulo Ruschel e Airton Pimentel), até Teixeira e José Mendes.

1962 - Expõe suas esculturas no Mata-borrão, em Porto Alegre. Suas canções seguem sendo gravadas por nomes como Elza Soares, "Conjunto Farroupilha", "Os Araganos" e outros. Prepara um livro de contos que não chega a publicar, apesar de já ter vários textos incluídos em outras publicações.

1966 - Promove exposição aberta ao público em sua própria casa, no bairro Sta. Cecília em Porto Alegre. Eram obras em terracota queimadas, cozidas e patinadas.

1970 - A convite de Paixão Côrtes, então presidente da Ordem dos Músicos/RS, realiza a estatueta "Calhan-



Com Ruth de Souza numa produção cinematográfica.

dra de Ouro", premiação máxima da Califórnia da Canção de Uruguaiana.

Compõe, ao lado de Airton Pimentel, a trilha do filme "Um Certo Capitão Rodrigo", de Anselmo Duarte, sobre a obra de Érico Veríssimo.

1972 - Ganha o Prêmio de Melhor Arranjo na Califórnia da Canção Nativa de Uruguaiana, com a música *Morada*, defendida junto com o sobrinho Beto Ruschel.

1973 - Começa a desenvolver esculturas em solda com Xico Stockinger.

1974 - Com o apoio do Departamento de Assuntos Culturais da SEC/RS, realiza turnê com o show "Paulo Ruschel e suas Músicas", pelas cidades de Candelária, Rio Pardo, Caçapava do Sul, Lavras, Dom Pedrito e Encruzilhada, acompanhado da cantora *mezzo-soprano* Déa Mancuso. Tinha a ambição de finalmente fazer sua obra musical chegar ao público. A iniciativa é recebida com entusiasmo por público e imprensa.

Falece surpreendentemente em 06 de junho, às 11 horas da manhã, vítima de ataque cardíaco.

1975 - Elis Regina grava *Os Homens de Preto*, para a coleção "Sul", da Gravadora Marcus Pereira. Esta música teria várias gravações posteriores, entre elas a do "Tambo do Bando", em 1992, com uma versão pop, contrastando com a original de "Os Gaudérios", em 59. Entraria, ainda, no cotidiano dos gaúchos por muitos



anos, como trilha do programa "Campo e Lavoura", da RBS TV.

2000 - Em enquete popular realizada pelo jornal Zero Hora, *Os Homens de Preto* fica entre as dez músicas do século no Rio Grande do Sul.

Depoimentos: Correio do Povo, em 1974:

" Uma das poucas entidades que sempre me deu apoio, no meu próprio estado, foi o Festival de Coros do RS, que ano após ano, através de vários regentes como Dinah Neri ou Nestor Wennholz, que têm tido a bondade de interpretar e arranjar composições minhas para seus grupos corais."

" A gente sempre luta com esta máquina de fazer sucesso artificial que são as gravadoras, e quebrar a máquina é difícil. Resumindo, parece que agora eu vou ter uma oportunidade de mostrar alguma coisa minha, ao vivo, para pessoas que talvez me conheçam e não tenham tido oportunidade de ouvir de perto tudo o que tenho escrito.

A gente sente, quando viaja aí no interior, que minhas músicas são cantadas, mas às vezes eles nem sabem quem é o autor. Por outro lado, tenho ido em churrascarias aqui mesmo em Porto Alegre, onde ouço alguns excelentes conjuntos cantarem, e quando pergunto 'Por que vocês não gravam?', eles dizem Ah! Gravar é



A "Calhandra", prêmio máximo da Califórnia da Cancão Nativa, esculpida por Paulo Ruschel, em 1970.

"JORNAL DAS MÓDAS"



"Quitandinha Serenaders"

difícil, tem de ter pistolão'. Talvez a realização de espetáculos semelhantes, no interior ou na capital, sirvam para melhorar um pouquinho a situação."

(idem)

" Os arranjos que são feitos de minhas músicas, faço questão de revisar. Depois entrego quase prontos aos maestros que colaboram comigo, dando todas as explicações do que eu quero e cantando junto inclusive; sou muito exigente com isso."(idem)

Sobre a volta para Porto Alegre, em 1947:

" Já estava saturado de São Paulo quando, numa tarde, resolvi fazer a pé o longo trajeto do trabalho até em casa. E quanto mais aumentava o movimento, mais crescia o tumulto e a vontade de estar em espaço aberto, com horizonte pela frente. Os versos foram surgindo tranqüilamente:

' Roda carreta
roda lá pro fim do mundo,
roda, roda carreta
roda que eu sigo junto.' "

Sobre esculturas - Jornal Hoje (RJ), 1950:

" As imagens fixadas por mim, durante a permanência na fazenda em Cruz Alta (1949), foram moldadas na massa. Assim o cachorro que perseguia a rês mereceu minha atenção em seus movimentos. Mais tarde, me aventurei a esculpir meus amigos. Tônia Carrero, Assis Valente, Lima Barreto e sua esposa Araçary, todos tiveram seus bustos e, modéstia à parte, gostaram da semelhança."

Obs: As fotos de Paulo Ruschel, pertencem ao arquivo de Lucienne Ruschel.



* Charqueada (Os Homens de Preto)

Paulo Ruschel

Arranjo p/ piano
Miriam Ritter

OS HO-MENS DE PRETO TRO-ÇA-REM O COR-PO A-DÁ VEM VIN-DO CEM-TEN-TO DÁM-DO GUA-RA

TRA-DA ... E A B-RA-ÇA-ÇA DO DO NÓS VEM-SAM-AM

NA-DA, DO VEM-DO GUA-RA ... NA-DO DO ... NA-DO DO ...

DEUS, DEUS, DEUS, DEUS, DEUS VÔ-CÊ FEZ ...

(ASSOCIANDO)

OS HO-MENS DE PRETO TRO-ÇA-REM O COR-PO A-DÁ VEM VIN-DO CEM-TEN-TO DÁM-DO GUA-RA

A-DÁ VEM VIN-DO CEM-TEN-TO DÁM-DO GUA-RA ... ENO-DA ...

DEUS, DEUS, DEUS, DEUS, DEUS VÔ-CÊ FEZ ...

lento

OS HO-MENS DE

PRETO TRO-ÇA-REM O COR-PO A-DÁ VEM VIN-DO CEM-TEN-TO DÁM-DO GUA-RA ...

TRA-DA ... E A B-RA-ÇA-ÇA DO DO NÓS VEM-SAM-AM ... NA-DA, DO VEM-DO GUA-RA ... NA-DO DO ... NA-DO DO ...

DEUS, DEUS, DEUS, DEUS, DEUS VÔ-CÊ FEZ ...

PRETO TRO-ÇA-REM O COR-PO A-DÁ VEM VIN-DO CEM-TEN-TO DÁM-DO GUA-RA

TRA-DA ... E A B-RA-ÇA-ÇA DO DO NÓS VEM-SAM-AM

NA-DA, DO VEM-DO GUA-RA ... NA-DO DO ... NA-DO DO ...

DEUS, DEUS, DEUS, DEUS, DEUS VÔ-CÊ FEZ ...

(ASSOCIANDO)

DE ♩

lento

OS HO-MENS DE PRETO TRO-ÇA-REM O COR-PO A-DÁ VEM VIN-DO CEM-TEN-TO DÁM-DO GUA-RA ...

TRA-DA ... E A B-RA-ÇA-ÇA DO DO NÓS VEM-SAM-AM ... NA-DA, DO VEM-DO GUA-RA ... NA-DO DO ... NA-DO DO ...

DEUS, DEUS, DEUS, DEUS, DEUS VÔ-CÊ FEZ ...

(ASSOCIANDO)

OS HO-MENS DE PRETO TRO-ÇA-REM O COR-PO A-DÁ VEM VIN-DO CEM-TEN-TO DÁM-DO GUA-RA ...

A-DÁ VEM VIN-DO CEM-TEN-TO DÁM-DO GUA-RA ... ENO-DA ...

DEUS, DEUS, DEUS, DEUS, DEUS VÔ-CÊ FEZ ...

allegro

OS HO-MENS DE PRETO TRO-ÇA-REM O COR-PO A-DÁ VEM VIN-DO CEM-TEN-TO DÁM-DO GUA-RA ...

TRA-DA ... E A B-RA-ÇA-ÇA DO DO NÓS VEM-SAM-AM ... NA-DA, DO VEM-DO GUA-RA ... NA-DO DO ... NA-DO DO ...

DEUS, DEUS, DEUS, DEUS, DEUS VÔ-CÊ FEZ ...

Fine



* Roda Carreta

Toada

Paulo Ruschel

Arranjo p/ piano
Miriam Ritter

RO - DA , RO - DA , RO - DA CAR - RE - TA RO - DA LÁ PRÓ FIM DO MUN - DO

RO - DA , RO - DA , RO - DA CAR - RE - TA RO - DA QUE NÓS VA - MOS JUN - TO

ESTRIBILHO:
O BOI DA PON - TÃO DES - TI - NO COM - PA - NHEI - RO DES - PE - AN - ÇA

O BOI BRA - ZI - NO É DE - SE - JO PA - RE - LHA DO CO - RA - ÇÃO BEM

PER - TO DO CAR - RE - TEI - RO É O BOI DE - SEN - GA - NO É O BOI I - LU - SÃO BEM

FINAL
são VA - MOS DES - TI - NO BOI ES - PE - RAN - ÇA

Fine

* Direitos reservados: Lucienne Ruschel.
Partituras cedidas pelo I.G.T.F.



Índice

Motivo das Capas

1- A Primeira Metade do Século XX (especial) *	- Chão de Tijolo
2- Os Bertussi/Paulo Ruschel	- Chão de Taquaral
3- Barbosa Lessa/Paixão Côrtes	- Erva Mate
4- Túlio Piva/Luiz Menezes	- Tampo de Violão
5- Gildo de Freitas/Teixeirinha	- Bombacha e Laço de Couro
6- Telmo de Lima Freitas/José Mendes	- Crina de Cavalo
7- Leonardo (e "Os 3 Xirús") / Berenice Azambuja	- Assoalho de Salão de Baile
8- Os Poetas (especial) **	- Céu de Porto Alegre no Verão
9- Os Fagundes (especial) **	- Fogo de Chão
10- Giba Giba/Airton Pimentel (e "Os Araganos")	- Parede de Costaneira
11- Geraldo Flach/Bedeu	- Janelas da Usina do Gazômetro (POA)
12- O Pop Rock no Rio Grande do Sul (especial) **	- Guitarra Elétrica
13- Carlinhos Hartlieb (e Mutuca) / Hermes Aquino	- Escadaria da Rua 24 de Maio (POA)
14- Ivaldo Roque/Jerônimo Jardim	- Escultura Natural em Madeira
15- Gaúcho da Fronteira/Luiz Carlos Borges	- Moirão com Arame
16- Fernando Ribeiro/Mário Barbará	- Cobertura do Auditório Araújo Vianna (POA)
17- Raul Ellwanger/Nelson Coelho de Castro	- Margem do Rio Guaíba (POA)
18- Almôndegas/Kleitton & Kledir (especial) **	- Cuias
19- Plauto Cruz/Fogaça	- Areia de Beira de Rio
20- Noel Guarany/Cenair Maicá	- Parede de Taipa
21- Bebeto Alves/Vitor Ramil	- Campo
22- Nei Lisboa/Gelson Oliveira	- Semáforo
23- Renato Borghetti/João de Almeida Neto	- Boleadeiras
24- Elton Saldanha/Zé Caradípa	- Violão e Calçada da Rua da República (POA)
25- Humberto Gessinger/Júlio Reny	- Interior de Aparelho Valvulado
26- Tangos & Tragédias/Tambo do Bando	- Fachada do Theatro São Pedro (POA)
27- Adriana Calcanhotto/Totonho Villeroy	- Detalhe de Grafite
28- Nenhum de Nós/Papas da Língua	- Conexão de Rede Elétrica
29- A Novíssima Geração (especial) **	- Sinalização de Asfalto
30- Grandes Contribuições à Música do Rio Grande do Sul (especial) ***	- Gaita

* O fascículo 1 inclui material introdutório referente à primeira metade do século XX, com destaque biográfico para Lupicínio Rodrigues e Pedro Raymundo.

** Os seguintes fascículos especiais destacam, respectivamente:

8) Os Poetas : Lauro Rodrigues, Jayme Caetano Braun, Glaucus Saraiva, Apparício Silva Rillo, Sérgio Napp, Luiz Coronel, Luiz de Miranda e Dilan Camargo.

9) Os Fagundes: Darcy, Antônio Augusto, Bagre, Neto, Ernesto e Paulinho Fagundes.

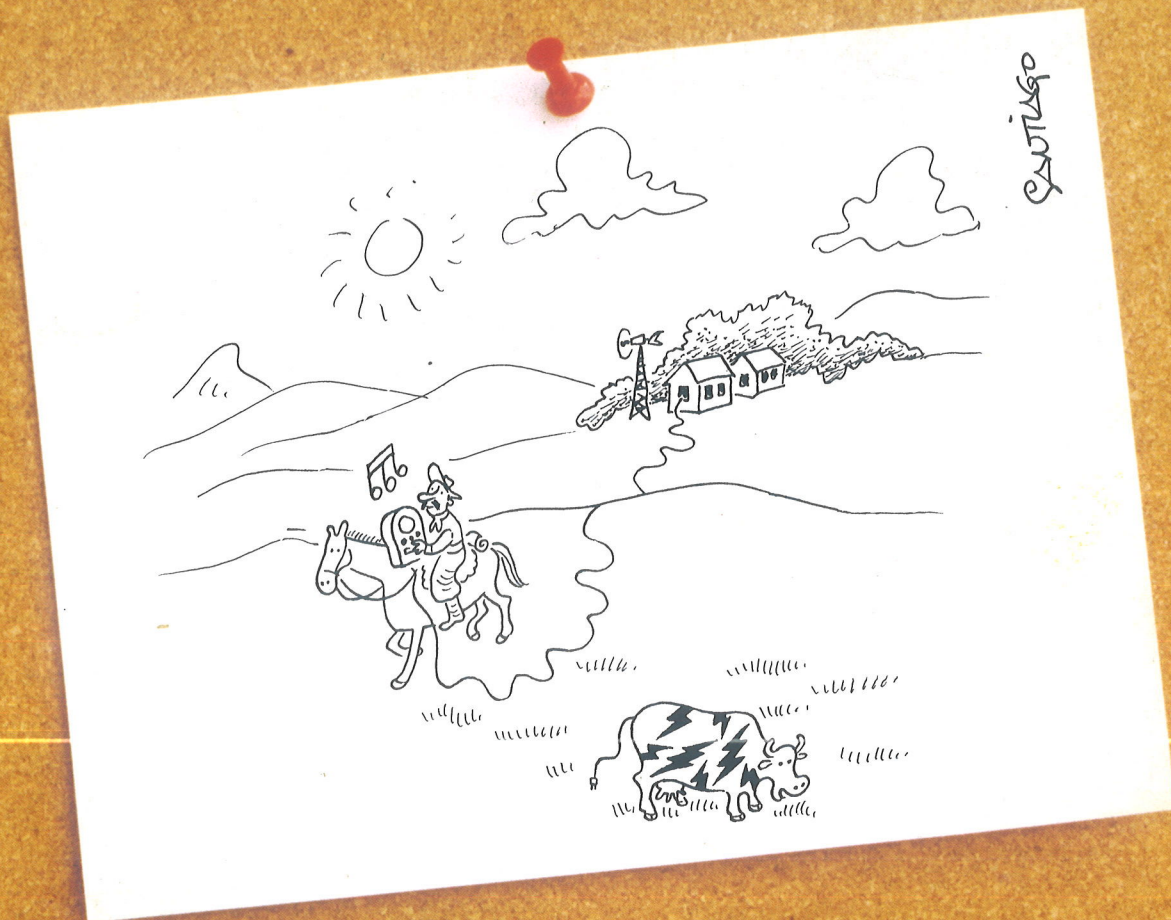
10) Rock: Grupos, bandas e conjuntos de rock (e/ou pop rock) dos anos 60 até o ano 2001.

18) Almôndegas (as várias formações) e Kleitton & Kledir.

29) A Novíssima Geração: Músicos, compositores e gêneros surgidos nos anos 90.

*** O fascículo 30 destaca algumas personalidades, músicos ou não, que contribuíram significativamente para o desenvolvimento da música do Rio Grande do Sul na segunda metade do século XX: Elis Regina, Rubens Santos, Lourdes Rodrigues, Os Grandes Conjuntos da Música Regional (Conjunto Farroupilha, Os Gaudérios, Os Serranos, Os Tapes), Demosthenes Gonzalez, Hardy Vedana, Colmar Duarte, Ary Rêgo, Glênio Reis, Júlio Fürst, Ayrton dos Anjos, Juarez Fonseca, Arthur de Faria, Los Hermanos, "Legião Estrangeira", Dedé Ribeiro, Alfred Hülsberg, José Carlos Lima e O Disco Independente.

Obs : todos os fascículos qualificados como "especiais" têm formato diferenciado do projeto normal de duas biografias por fascículo.



Energia e Cultura iluminando os gaúchos.

LIC
Lei de
Incentivo
à Cultura
Estado do Rio Grande do Sul



www.cee.com.br



GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL
Estado da Participação Popular
Secretaria de Energia, Minas e Comunicações
Secretaria de Estado da Cultura